



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS E DESIGN - DAVD  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM ARTES VISUAIS**

**FABIANA FREITAS SANTOS**

**A EXALTAÇÃO DA NATUREZA ENLAÇADA A IDENTIDADE SERGIPANA:**

François Hoald e seu legado artístico

São Cristóvão - SE

2025

**FABIANA FREITAS SANTOS**

**A EXALTAÇÃO DA NATUREZA ENLAÇADA A IDENTIDADE SERGIPANA:**  
François Hoald e seu legado artístico

Monografia apresentada ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Dantas Nogueira.

São Cristóvão - SE

2025

# **A EXALTAÇÃO DA NATUREZA ENLAÇADA A IDENTIDADE SERGIPANA:**

François Hoald e seu legado artístico

## **FABIANA FREITAS SANTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Artes Visuais.

**Nota:** \_\_\_\_\_

**Data de apresentação:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Adriana Dantas Nogueira (Orientadora)

Universidade Federal de Sergipe - UFS

---

Profa. Dra. Rosemeire Marcedo Costa

Universidade Federal de Sergipe – UFS

---

Prof. Dr. Wellington Cesário

Universidade Federal de Sergipe - UFS

À minha querida filha Kiarah,  
que me dá forças todos os  
dias para nunca desistir.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante a minha jornada educacional. Primeiramente, agradeço a Jesus Cristo e aos meus guias espirituais, por estarem sempre me conduzindo por bons caminhos e iluminado meus passos em todos os aspectos da minha vida.

Ao artista plástico François Hoald, minha principal fonte de inspiração tanto como artista quanto por sua história de vida, um exemplo de que não podemos ter medo de lutar pelos nossos sonhos.

Agradeço à minha orientadora, a professora Adriana Dantas, por sua compreensão e ensinamentos, tornando o processo de orientação algo leve e descomplicado.

À minha família, especialmente aos meus pais, Paulo e Maria, que batalharam muito para que eu tivesse o acesso à educação que eles não tiveram. À minha filha, Ana Kiarah, que é luz e força em minha vida. Ao meu irmão, Fábio, que me auxiliou no trabalho de campo e que sempre me incentivou a priorizar os estudos. À Max Batista, por me encorajar na busca constante por conhecimento e ter sido um suporte durante toda a graduação.

Aos meus colegas de curso, dos quais alguns se tornaram amigos próximos, tornando a jornada da graduação mais alegre e divertida, compartilhando os conhecimentos sempre de forma descontraída, o que foi algo muito importante no nosso processo de aprendizagem. Gratidão aos queridos: Abelardo Campos, Ana Carla, Brendo Rodrigo, Eduardo Lucas, Elenir Castro, Ellen Santos, Ellen Victória, Gabriella Prado, Jaísla dos Santos, João Victor, Lílian Gonçalves, Nicole Stefany, Valter Passos, Wendell Sousa e Ygor Moacir.

A todos aqueles que entenderam a relevância da pesquisa, principalmente o senhor Amynthas Júnior, sobrinho de François Hoald, que se mostrou muito atencioso e solícito, contribuindo significativamente para o desenvolvimento desse trabalho.

“O caju de minha terra, sua gente, seu folclore  
e seus princípios foram os meus mestres”

François Hoald

## RESUMO

Esta monografia é fruto de uma pesquisa sobre a trajetória e a produção artística de François Hoald (1947-1974), reconstituindo sua história e analisando suas obras a partir de documentos do Arquivo Público da Cidade de Aracaju (Sergipe) e do acervo particular de sua família, composto por obras de arte e documentos. Com esse material, foi possível organizar, cronologicamente, sua trajetória e analisar suas produções, evidenciando suas principais influências artísticas, técnicas e temáticas. O estudo revela que Hoald se insere no primitivismo tropical, com fortes influências do regionalismo pernambucano. Porém, sua obra se diferencia ao exaltar o caju como um símbolo da identidade cultural sergipana. Ao documentar sua trajetória e suas produções, este trabalho contribui para a preservação da arte sergipana e do legado de um artista cuja obra refletia temáticas regionais. Além disso, pretende incentivar a valorização e o reconhecimento dos artistas locais, que exercem um papel essencial na história da arte sergipana.

**Palavras-chave:** François Hoald; primitivismo tropical; regionalismo; identidade cultural; arte sergipana.

## ABSTRACT

This monograph is the result of research into the trajectory and artistic production of François Hoald (1947-1974), reconstructing his history and analyzing his works based on documents from the Public Archives of the City of Aracaju (Sergipe) and the private collection of his family, which includes artworks and documents. With this material, it was possible to organize his trajectory chronologically and analyze his productions, highlighting his main artistic influences, techniques and themes. The study reveals that Hoald fits within tropical primitivism, with strong influences from Pernambuco regionalism. However, his work stands out by exalting the cashew fruit as symbol of Sergipe's cultural identity. By documenting his trajectory and productions, this investigation contributes to the preservation of Sergipe art and the legacy of an artist whose work reflected regional themes. Furthermore, it aims to encourage the appreciation and recognition of local artists, who play an essential role in the history of Sergipe's art.

**Keywords:** François Hoald; tropical primitivism; regionalism; cultural identity; art from Sergipe.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Recorte do Jornal A União, contendo declaração de Hoald sobre a Paraíba. ....	15
Figura 2: Recorte do Jornal do Commercio. ....	16
Figura 3: Recorte da declaração de Hoald para o Jornal Diário de Pernambuco. ....	17
Figura 4: Fotografia de François Hoald em 1971.....	18
Figura 5: Fragmento do convite para a exposição no Conservatório de Música de Sergipe....	19
Figura 6: Capa do Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24 de julho de 1972, p.5. ....	20
Figura 7 : Fotografia de Hoald na capa do Jornal do Brasil, Rio de Janeiro 24 jul. 1972, p.5.	21
Figura 8: Hoald ao lado do seu mural na entrada de Aracaju em 1972.....	22
Figura 9: Encerramento do curso de pintura em cerâmica no dia 02 de julho de 1972. ....	23
Figura 10: Recorte do Jornal da Bahia, Salvador, 08 de agosto de 1972 .....	25
Figura 11: Trecho do Jornal Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1972.....	26
Figura 12: Carta de Elis Regina para François Hoald em 1973. ....	27
Figura 13: Convite da exposição individual no Rio de Janeiro. ....	28
Figura 14: Convite da abertura de sua galeria em São Cristóvão em 31 de setembro de 1973. .....	29
Figura 15: Convite da exposição na Galeria Efi Carvalho em 22 de agosto de 1974. ....	31
Figura 16: Trecho do Jornal Diário de Pernambuco, Recife, 30 de novembro de 1974 .....	32
Figura 17: Crítica de Jorge Amado sobre a arte de Hoald em 10 de agosto de 1972.....	34
Figura 18: Documento de Ariano Suassuna sobre Hoald em 25 de julho de 1971. ....	35
Figura 19: Documento em que Renot comenta sobre a arte de Hoald em 26 de julho de 1972. .....	37
Figura 20: Recorte do Jornal Tribuna da Bahia, Salvador, 15 de agosto de 1972. ....	38
Figura 21: Obra intitulada “Mulher Vegetal”.....	40
Figura 22: Obra intitulada “Pássaro Sazonado”. ....	41
Figura 23: Obra intitulada “Justiça”. ....	42
Figura 24: Obra de título desconhecido.....	44
Figura 25: Obra de título desconhecido.....	45
Figura 26: Obra de título desconhecido.....	46
Figura 27: Obra intitulada “Mãe”.....	48
Figura 28: Poema na parte externa da obra “Mãe”.....	49

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. A HISTÓRIA DE HOALD</b> .....	13
<b>3. PRODUÇÃO ARTÍSTICA</b> .....	32
3.1 INFLUÊNCIAS .....	32
3.2 ANÁLISE DAS OBRAS .....	39
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	52
<b>6. APÊNDICE</b> .....	54
<b>7. ANEXO</b> .....	57

## 1. INTRODUÇÃO

O estado de Sergipe possui uma diversidade de artistas plásticos que vêm contribuindo significativamente para o desenvolvimento da cultura e arte regional. Porém, há uma falta de registros documentados que valorizem e reconheçam como esses artistas são importantes para o meio artístico sergipano/brasileiro. Além disso, essa falta de registros impossibilita que pesquisas sejam iniciadas e aprofundadas, visto que são essenciais para compreender mais os contextos sociais e locais em determinados períodos históricos.

Neste cenário, esse trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada sobre a vida e obra do artista plástico sergipano Manuel Roald Batista de Melo (François Hoald), natural de Itabi (Sergipe), nascido em 1947, que esteve ativo nas décadas de 1960 e 1970, produzindo obras ligadas a identidade cultural sergipana e viajando por alguns estados do Brasil, expondo essas produções artísticas. Apesar do seu precoce falecimento, em 1974, em decorrência de um acidente automotivo, deixou um legado artístico expressivo, com mais de duas mil telas, além de produções em cerâmica, murais e tapeçaria, muitas delas sendo adquiridas por importantes personalidades brasileiras.

Ao pesquisar sobre François Hoald, há uma carência de documentos biográficos que destaquem sua importância artística para o estado de Sergipe, evidenciando, assim, a falta de reconhecimento e visibilidade dos artistas locais. Dessa forma, o principal objetivo dessa monografia é documentar a sua trajetória artística com o propósito de oferecer uma visão enriquecedora das suas produções.

O principal interesse, em estudar a vida e obra de Hoald, enquanto pesquisadora do tema, surgiu quando, no ensino fundamental, tive meu primeiro contato com suas obras através de um projeto escolar, onde tomei conhecimento de sua existência e de sua importância como artista plástico. Sendo também natural de Itabi, senti uma conexão imediata com sua história, o que me despertou uma curiosidade para entender sua trajetória e suas contribuições para a arte sergipana. Porém, logo me deparei com a escassez de conteúdo mais aprofundado sobre o assunto. Para além de uma pesquisa acadêmica, esse trabalho tem uma motivação pessoal de compreender sobre sua jornada e como suas experiências e meio cultural são refletidos em sua obra.

É válido ressaltar que esse trabalho não leva em consideração a suposta irrelevância sustentada por uma pequena parcela do público, que insiste em desconsiderar trabalhos que

visem resgatar as obras de artistas locais, quando é, na verdade, na possibilidade de valorização desses artistas que podemos encontrar forças para descobrir nossa identidade cultural.

Dessa forma, busco com esse trabalho contribuir para que um conterrâneo, que tanto refletia em suas obras temáticas regionais, receba o reconhecimento que merece tendo sua história conhecida e revisitada.

No primeiro momento da escrita desta monografia, entrei em contato com Arquivo Público da Cidade de Aracaju - SE, onde tive acesso a uma caixa com documentos nos quais François Hoald era citado. Entre os materiais, estavam jornais, cartas, rascunhos e depoimentos de familiares. Esses arquivos foram organizados, em grande parte, por sua irmã, Marileide Batista de Melo Barreto, que, antes de ser acometida pelo alzheimer, teve a atenção de reunir todas as informações que considerou relevantes sobre seu irmão, compilando-as em uma pasta. Parte desses documentos foi entregue por ela ao Arquivo Público, enquanto outros permaneceram sob a guarda da família Barreto.

Ao iniciar a análise e organização dos documentos, busquei estabelecer uma linha do tempo sobre a vida e a obra de Hoald. Contudo, enfrentei desafios devido à ausência de uma ordem cronológica nos registros. Os documentos não indicavam com clareza quando começaram suas exposições, quais estados do Brasil ele percorreu e em qual momento retornou a Aracaju. O acervo analisado conta com aproximadamente 100 páginas, e, para organizar os acontecimentos, adotei uma abordagem que visa detalhar cronologicamente sua trajetória, com foco especial em momentos como sua infância em Itabi, sua fuga para Recife em busca de profissionalização artística, suas exposições individuais e coletivas, e as obras produzidas ao longo desse período.

Posteriormente, estabeleci comunicação com os familiares de Hoald, o senhor Amynthas Barreto Júnior e o senhor Thalys Pablo Santos Barreto, ambos sobrinhos do artista, que residem em Aracaju. Eles possuem em seu acervo pessoal uma coleção de obras, fotos e documentos do artista que contribuíram de forma significativa para continuidade da pesquisa. O acervo da família Barreto permitiu a aplicação o método tipológico, facilitando a análise dos estilos predominantes, materiais, técnicas e motivos recorrentes nas obras de Hoald. Cada obra foi documentada de forma detalhada, com informações sobre título, data, materiais, técnicas e dimensões, o que possibilitou identificar tendências artísticas, influências de outros artistas e a evolução de sua produção. Esse processo proporcionou uma compreensão aprofundada e estruturada do desenvolvimento artístico de Hoald ao longo do tempo.

Dando continuidade, fiz um levantamento para localizar obras de Hoald especificamente na região da grande Aracaju. A maior parte das obras que localizei está no acervo da família de Hoald, que possui seis peças. No Palácio Museu Olímpio Campos, uma obra de Hoald encontra-se exposta permanentemente na galeria do museu. Além disso, na Galeria Álvaro Santos, há uma obra em seu acervo.

A monografia é por composta pelo primeiro capítulo que aborda a vida de François Hoald, partindo de suas primeiras vivências em Itabi, sua formação educacional, sua estadia em Recife, suas viagens por diferentes estados do Brasil e suas exposições individuais e coletivas. Também é destacado seu retorno a Sergipe, onde continuou sua produção artística, até seu precoce falecimento. No segundo capítulo, é realizada uma análise de sete obras de Hoald, utilizando o método de análise de imagem de Erwin Panofsky (2012), permitindo uma compreensão aprofundada de como o primitivismo é representado nas produções do artista.

## **2. A HISTÓRIA DE HOALD**

Manuel Roald Batista de Melo adotou o pseudônimo de François Hoald, escolha inspirada na cultura francesa, pois era fascinado pelos valores artísticos e culturais da França, levando a optar por nome que refletisse essa apreciação, e conferindo para sua identidade um diferencial, mostrando autenticidade e criatividade. Ele nasceu no sertão sergipano, na cidade de Itabi (Sergipe), em 08 de julho de 1949. Cresceu em um ambiente simples e marcado pelas características do interior, onde a cidade, recém-emancipada politicamente em 1953, ainda estava moldando sua personalidade. Hoald também gostava de se intitular como o “Barão de Itabi”, um apelido que refletia seu orgulho pelas raízes sertanejas e evocava sua importância enquanto artista para aquela cidade.

Cursou o primário e o ginásio nas escolas municipais de Itabi, onde era considerada uma criança agitada e um pouco desobediente pelos seus professores. Posteriormente, é matriculado no Atheneu Sergipense e se muda para Aracaju para continuar estudando, porém não conclui sua formação, abandonando os estudos da instituição.

Destaca sua irmã Marileide:

Na escola era considerado indisciplinado. Contudo o problema era outro, faltava percepção aos que com ele lidavam para descobrir o artista que latejava naquele

adolescente, em conflito com o mundo, procurando o seu caminho. (ARQUIVO PÚBLICO DE ARACAJU. cx: 32. est: 61. p.3).

Ou seja, para Marileide, sua indisciplina na verdade era um reflexo da busca por uma identidade própria, algo muito comum entre os jovens, mas no caso dele, era também uma manifestação do seu potencial artístico que estava se desenvolvendo e de uma instituição, que não conseguiu reconhecer o potencial criativo que começava a crescer.

Vindo de uma família católica, conservadora e interiorana, onde seu pai era um político influente, que almejava que seu filho continuasse com o seu legado na política, Hoald se opôs aos ideais projetados pelo seu pai, rejeitando a carreira política pela qual não sentia desejo. Na sua adolescência, buscou por outras aspirações para sua vida, demonstrando interesse pelo mundo artístico, fazendo desenhos e esboços, tais atividades foram ponto de partida para sua trajetória como artista.

Segundo os dados do Arquivo Público, no ano de 1967, com apenas 18 anos de idade, fugiu para a cidade de Recife, em Pernambuco. Sem apoio financeiro da família, passou por momentos de dificuldade para conseguir se sustentar financeiramente e fazer sua arte ser reconhecida. Logo após ter chegado em Recife, encontrou o apoio de uma figura importante da cidade, o bispo católico Helder Câmara<sup>1</sup>, que acolheu o jovem, oferecendo um suporte para que ele continuasse em sua jornada. Esse acolhimento foi fundamental para que Hoald começasse a desenvolver sua arte de forma mais consistente e, mais tarde, conquistasse reconhecimento no cenário artístico.

Em 1967 fugiu de casa para a cidade do Recife, lá foi acolhido, bondosamente, pela grande figura de D. Helder Câmara, que muito o ajudou nos momentos mais difíceis. Não foi fácil até chegar a ser aceito, sem contar com um nome feito, sem amadurecimento, e sem dinheiro. (ARQUIVO PÚBLICO DE ARACAJU. cx: 32. est: 61. p.8).

Sua estadia em Recife foi proveitosa aperfeiçoando seus conhecimentos artísticos, chegando a estudar na Associação de Artistas Plásticos Pernambucana<sup>2</sup> e frequentar como ouvinte, a Escola de Belas Artes. Nas terras recifenses, encontrou solo propício para suas produções artísticas, recebendo apoio e receptividade do público. Mas 1969, Hoald viajou até

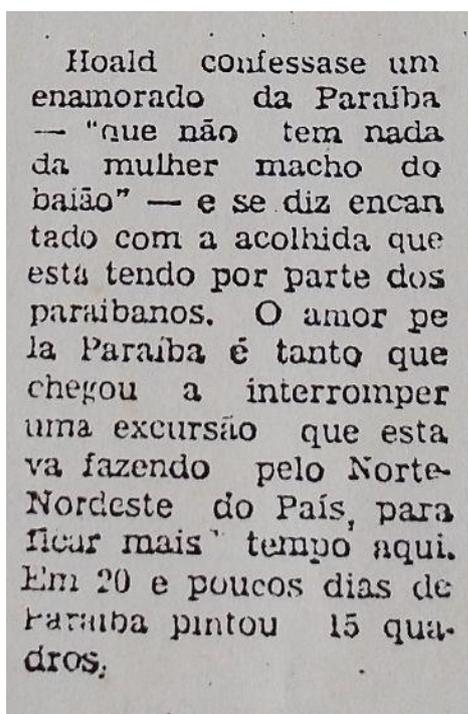
---

<sup>1</sup> Dom Helder Câmara (1909-1999) foi bispo de Olinda e Recife entre os anos de 1964 a 1985, ficou conhecido pela sua luta pelos direitos humanos. Teve voz ativa contra a ditadura militar brasileira, sendo um dos nomes mais fortes da Igreja Católica contra a opressão. Foi indicado várias vezes ao Prêmio Nobel da Paz.

<sup>2</sup> A Associação de Artistas Plásticos Pernambucana (AAPPE) foi fundada em 1968 e tinha como o principal objetivo apoiar a produção artística no estado de Pernambuco, promovendo exposições, eventos culturais e iniciativas de formação.

João Pessoa na Paraíba, buscando outras vivências culturais, se sentiu acolhido com a hospitalidade paraibana, o que o incentivou a prolongar sua permanência na cidade. Nesse período, com o apoio do reitor da Universidade da Federal da Paraíba, ele organizou uma exposição, que aconteceria antes de sua partida. A fig. 1 é um recorte do Jornal *A União*, onde Hoald, falou sobre suas impressões da Paraíba, esse trecho também exhibe quais seus planos futuros e que, durante os 20 dias que esteve no estado, produziu quinze novos quadros.

Figura 1: Recorte do *Jornal A União*, contendo declaração de Hoald sobre a Paraíba.



Hoald confessase um enamorado da Paraíba — “que não tem nada da mulher macho do baião” — e se diz encantado com a acolhida que está tendo por parte dos paraibanos. O amor pela Paraíba é tanto que chegou a interromper uma excursão que estava fazendo pelo Norte-Nordeste do País, para ficar mais tempo aqui. Em 20 e poucos dias de Paraíba pintou 15 quadros.

Jornal A União. João Pessoa. 08 fev. 1969. p.5.

Fonte: Arquivo Público de Aracaju. cx: 32. est: 61. p.20.

A exposição foi realizada no Hall da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba, em 25 de fevereiro de 1969. Abaixo a citação do *Jornal Gente e Notícias*, que destaca que a exposição foi inaugurada e quais as telas estavam disponíveis para venda:

O jovem artista sergipano Hoald de Melo, inaugurou anteontem, às 20 horas, no “hall” da Reitoria, a sua exposição de pinturas, constando os seguintes quadros: Nova Paraíba – Gira-Mundo – Pesadelo – Noite dos Mascarados – Essa Minha Vida – Enterro – Equívocos – Força do Destino- Beleza Selvagem – Tribunal – Sangue no Asfalto – Cristo – Barcos e Noite – Guerra – Mulher – Faisão – Nordeste – Miséria e Lapso Do Crime. Todos os quadros, estão expostos a venda, tendo alguns já sido vendidos, inclusive a “Nova Paraíba”, adquirida pelo Governo do Estado. (JORNAL GENTE E NOTÍCIAS. João Pessoa, 27 fev. 1969, p.6.)

François Hoald retornou para Recife, onde continuou com suas produções e gradualmente consolidou sua presença na cena artística local, e em 20 de junho de 1970, participou de uma exposição organizada pela Galeria do Rosário, que marcou o retorno das atividades do espaço após um período de inatividade. A exposição reuniu renomados artistas da cena pernambucana, como é destacado na fig. 2, que é um recorte do Jornal do Commercio de Recife.

Figura 2: Recorte do Jornal do Commercio.



Jornal Do Commercio. Recife, 20 jun. 1970.

Fonte: Arquivo Público de Aracaju. cx: 32. est: 61. p.27.

Neste mesmo ano de 1970, montou sua galeria artística, que ficava aberta para venda das obras e intitulou de “Petit Galerie Hoald”, porque era uma sala compacta que possuía 2m por 1,5m, localizada na rua da Imperatriz, nº 147 - centro<sup>3</sup>, local estratégico que atraiu a atenção tanto do público local como dos visitantes que ao passar dos dias, se mostravam mais interessados por suas produções. A inauguração aconteceu em 28 de agosto de 1970, com divulgação na imprensa local convidando a população à visitação.

O pintor François Hoald, sergipano, anunciando a inauguração da sua “Petit Galérie Hoald”, na rua da Imperatriz, 147, sobre-loja (Casa que nasceu Joaquim Nabuco). O

---

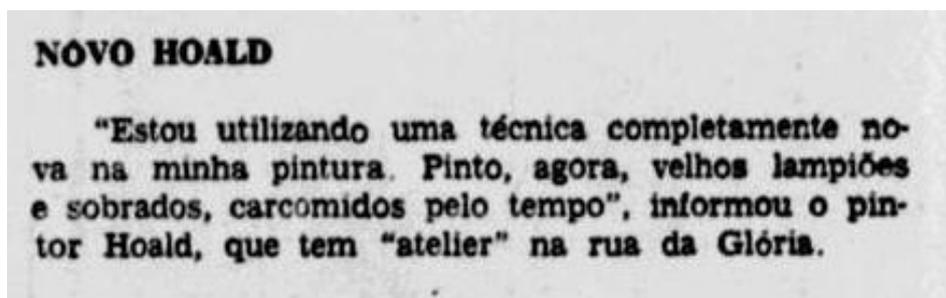
<sup>3</sup> Local onde Joaquim Nabuco nasceu, um diplomata nome de destaque na luta abolicionista brasileira. Dessa forma, o prédio foi tombado pela FUNDARPE e pelo IPHAN, em 29 de agosto de 1949, devido a sua relevância histórica, como forma de preservação desse bem cultural.

acontecimento se dará as 20 horas da sexta-feira, com a presença de autoridades, personalidades, artistas e intelectuais do Recife. Na oportunidade será oferecida uma caipiríssima a todos os convidados. (JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 26 ago. 1970, p.6.).

Essas exposições, vão consolidando sua posição como um artista requisitado, ampliando as vendas de suas obras e elevando seu padrão de vida, após um período de dificuldades financeiras.

A maior parte da produção de François Hoald concentrou-se em pinturas sobre telas, mas ele também explorou outras técnicas. Como aconteceu em 1971, engajando-se em um projeto voltado para a restauração arquitetônica colonial, com foco em portões, portas e janelas de Recife, reconstituindo detalhes singulares dessas estruturas. A fig. 3 é um recorte do *Jornal Diário de Pernambuco*, onde Hoald faz uma declaração sobre sua nova fase criativa:

Figura 3: Recorte da declaração de Hoald para ao *Jornal Diário de Pernambuco*.

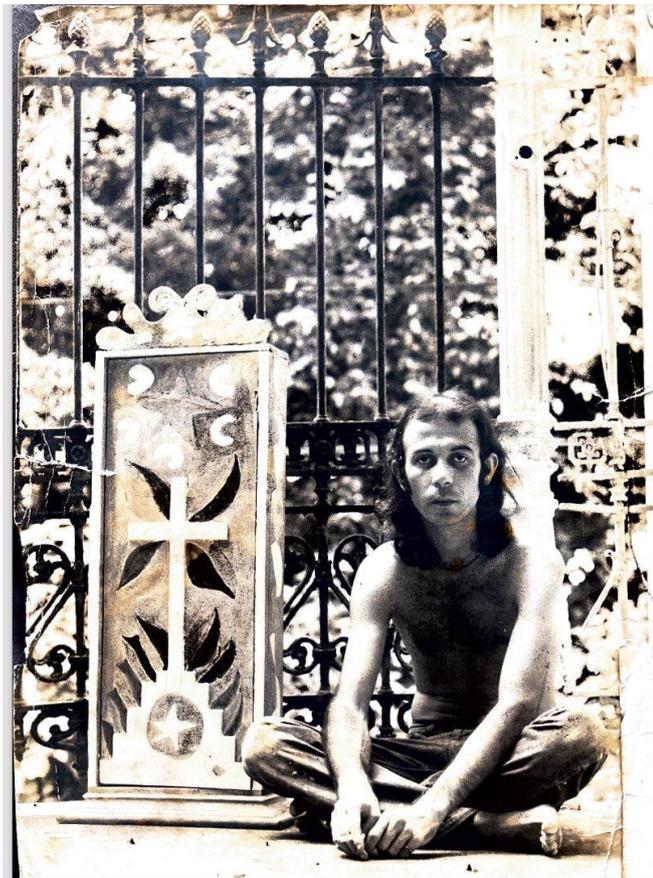


Jornal Diário de Pernambuco. Recife, 21 de mai. 1971, p.6

Fonte: Acervo particular da família Barreto.

O seu envolvimento nesse projeto, demonstra uma expansão dos seus horizontes artísticos além das pinturas em telas, ligado à preservação do patrimônio como nova forma de expressão. Demonstrando ser um artista comprometido com o presente e com o passado da região. A fig. 4 apresenta uma fotografia de Hoald, tirada quando ele morava em Recife e estava envolvido nesse projeto de restauração. Na imagem, é possível observar Hoald sentado, com portão ao fundo restaurado.

Figura 4: Fotografia de François Hoald em 1971.



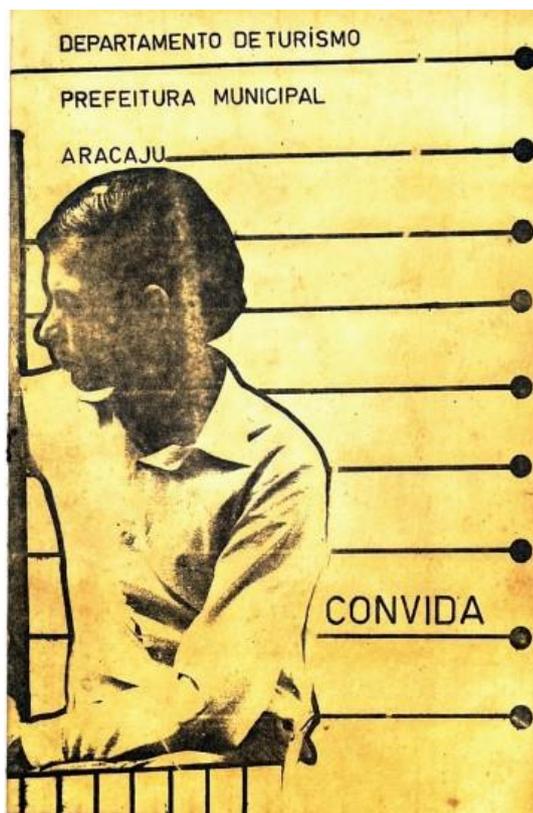
Fonte: Acervo particular da família Barreto.

François Hoald, tinha como objetivo percorrer todo o Brasil fazendo exposições para que sua arte alcançasse um público mais amplo. Nesse sentido, o ano de 1972 foi muito propício para sua carreira artística, realizando exposições em diferentes estados do Brasil e seu retorno para Sergipe. Em Aracaju, através de uma parceria com Departamento de Turismo de Aracaju (DETUR), uma exposição foi organizada no Conservatório de Música de Sergipe. Essa mostra, realizada no Auditório Villa-Lobos no dia 08 de janeiro de 1972, composta exclusivamente por pinturas em cerâmica, totalizando cerca de 30 peças. Mais uma vez, o artista foi destaque na imprensa local, sendo noticiado pelo jornal *Gazeta de Sergipe* na edição de 6 de fevereiro de 1972, que registrou a prévia da exposição. O jornal destacou:

Na tarde de ontem, o pintor sergipano François Hoald, radicado em Recife, apresentou uma prévia para imprensa da exposição que fará realizar no próximo dia 8, no saguão do Auditório Vila Lobos. A prévia da exposição de Hoald, foi realizada na sede do Departamento de Turismo da Prefeitura. (GAZETA DE SERGIPE. Aracaju. 06 fev. 1972, p. 2).

A fig. 5 é o convite para a exposição no Conservatório de Música. Apesar da fragmentação, é possível visualizar uma fotografia de Hoald, o nome do DETUR e da Prefeitura de Aracaju.

Figura 5: Fragmento do convite para a exposição no Conservatório de Música de Sergipe.



Fonte: Acervo particular da família Barreto.

Essa exposição em Aracaju, se tornou um importante marco no trabalho de Hoald, pois depois de ter viajado e feito exposições em outros estados, estar de volta em sua terra e expondo construíam um reconhecimento de sua arte, reforçando a sua relação com suas raízes. Além de despertar o interesse da população em adquirir suas criações nas quais se sintam representadas. Essa visibilidade chamou a atenção do governo, levando à sua contratação pela Prefeitura de Aracaju para a realização de murais em diversos pontos do município.

Como muralista exímio, Hoald produziu algumas de suas obras mais emblemáticas, incluindo o famoso mural que ficava localizado na entrada da cidade de Aracaju, em frente ao Iate Clube, que possuía 3x8 metros. Essa obra recebeu destaque na imprensa local e nacional, sendo amplamente elogiada em uma matéria publicada pelo jornal *Gazeta de Sergipe*:

O artista plástico Hoald vem obtendo grande sucesso com os seus murais, feitos para várias organizações sergipanas. Recentemente, Hoald pintou vários murais no Centro de Reabilitação e o mural na entrada da cidade, na praça onde termina a estrada Aracaju-Atalaia, substituindo com seus cajús amarelos ao letreiro luminoso colocado na administração de Codofredo Diniz. (GAZETA DE SERGIPE. Aracaju. 09 mai. 1972, p.8).

A fig. 6 é um recorte da capa do *Jornal do Brasil* publicado em 24 de julho de 1972, onde Hoald cede uma entrevista, contando um pouco sobre sua vida. A fig. 7 é um recorte do mesmo jornal, na qual é possível visualizar uma fotografia de Hoald ao lado do mural.

Figura 6: Capa do *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de julho de 1972, pg.5.



Fonte: Acervo particular da família Barreto.

Figura 7 : Fotografia de Hoald na capa do *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro 24 jul. 1972, p.5.



Fonte: Acervo particular da família Barreto.

A fig. 8 apresenta uma fotografia de Hoald ao lado do seu mural, registrada assim que ele finalizou essa pintura. É possível observar a forte presença da natureza vegetal nessa obra, como os cajus, folhas e flores.

Figura 8: Hoald ao lado do seu mural na entrada de Aracaju em 1972.



Fonte: Acervo particular da família Barreto.

Esse notável mural foi demolido na gestão do prefeito Cleovansóstenes Pereira de Aguiar, sendo substituído por um monumento do artista Eurico Luiz dos Santos. Essa atitude demonstra uma desvalorização com o trabalho do artista e revela uma lacuna preocupante na apreciação e preservação do patrimônio artístico.

Coelho (1992) ressalta que a falta de formação educacional e cultural dos indivíduos, para preservarem seus bens; se não se conhece algo, é difícil se cuidar, aprender e preservar. O julgamento estético exerce também grande poder, pois a sociedade contemporânea pode não encontrar interesse no passado, achando seus bens ultrapassados e desagradáveis. Num momento de renovação das estruturas sociais, na paisagem arquitetônica das cidades, esses bens podem ser substituídos ou modificados, sob alegação de uma nova funcionalidade. (COELHO *apud* TELES, 2009, p.197)

Ainda em Aracaju, Hoald foi convidado pelo Secretário do Interior e Justiça para participar de um projeto, onde ministrou aulas de pintura em cerâmica para os detentos do Reformatório Penal Sergipano, em 1972:

O referido curso que teve a duração de trinta horas, foi ministrado pelo pintor Hoald, numa promoção da Secretária de Justiça do Estado de Sergipe, LBA e Pipmo. (JORNAL DA CIDADE, Aracaju, 02 jun. 1972, p.12).

Essa ação, foi um desafio para Hoald, passar um tempo com os detentos, repassando seus conhecimentos artísticos. Mas também uma experiência enriquecedora para sua carreira, além de ser uma iniciativa que, na época, demonstra uma preocupação de profissionalizar os detentos, proporcionando habilidades que facilitassem a reintegração social e redução da reincidência.

A fig. 9 é uma fotografia que foi tirada no encerramento do curso de pintura em cerâmica, no dia 02 de junho de 1972. Ao centro, é possível identificar Hoald, enquanto, à esquerda, aparece a louça com a seguinte frase: “AQUI: A ALEGRIA DAS CORES PERMANECERÁ NOS CORAÇÕES DOS ALUNOS”.

Figura 9: Encerramento do curso de pintura em cerâmica no dia 02 de julho de 1972.



Fonte: Acervo particular da família Barreto.

Em 1972, Hoald viajou para Salvador na Bahia, e organizou uma nova exposição, que aconteceu nos dias 19 a 25 de agosto do mesmo ano, sob o título “Cajuexpo”, na Brigitte Boutique. Seguindo a mesma abordagem que utilizara em João Pessoa, observou atentamente o cotidiano e os costumes da população baiana, que serviram de motivo para suas obras.

Produziu cerca de vinte telas, todas pintadas em Salvador, além de explorar temas da flora, figura humana e arquitetura colonial característica da cidade. Essa exposição foi amplamente divulgada nos jornais de Salvador da época, principalmente na *Tribuna da Bahia* e no *Jornal da Bahia*.

A fig. 10 apresenta um recorte do *Jornal da Bahia*, publicado em 08 de agosto de 1972, trazendo uma breve contextualização sobre a vida de Hoald, a divulgação da sua exposição, e por último, menciona quais os seus futuros planos no estado. Além disso, o recorte inclui uma fotografia do artista ao lado de duas obras suas.

8/8/72 —

# Françoís Hoald veio fazer arte na Bahia

Talvez pela influência da sua terra, Aracajú, o caju é a figura constante de quase todas as telas do pintor Françoís Hoald, que vai expor em Salvador de 19 a 25 deste mês, na Brigite Butique. A mostra será inaugurada às 20 horas e é denominada "Cajuexpo", definindo assim a temática constante.

Hoald chegou de Aracajú, onde executou vários trabalhos como murais em praças públicas, residências de pessoas da sociedade etc. Há quatro anos que ele estava radicado em Recife, "onde nasci espiritualmente para a arte, para reconhecer o bom e o belo em relação às coisas e às pessoas".

### EXPOSIÇÃO

Vinte telas bastante coloridas figuram nesta exposição de Françoís Hoald, todas pintadas aqui em Salvador. Além do caju, que é uma constante nos trabalhos, os quadros mostram a flora, figuras humanas e a arquitetura colonial.

Importante para a divulgação da sua obra de artista primitivo, diz Hoald, foi o fato do presidente Médici, quando da sua visita a Recife, ter levado um dos seus trabalhos para a galeria do Palácio da Alvorada.

Seus quadros podem ser encontrados ainda em Londres, para onde Françoís Hoald levou dezesseis telas, fazendo uma mostra na qual foram vendidos quase todos os trabalhos.

No Recife o nome de Hoald soma-se a outros, bastante conhecidos, como Francisco Brennand, Pierre Chailita e a primitivista Gina, uma das pintoras que mais vende quadros em Pernambuco.

Françoís Hoald tinha uma galeria de arte em Recife, a Mini-Galeria, na casa onde nasceu Joaquim Nabuco. Ai seus quadros ganharam maior repercussão e foram bastante procurados. Hoje, existem muitos trabalhos de Hoald espalhados pelas galerias e coleções particulares.

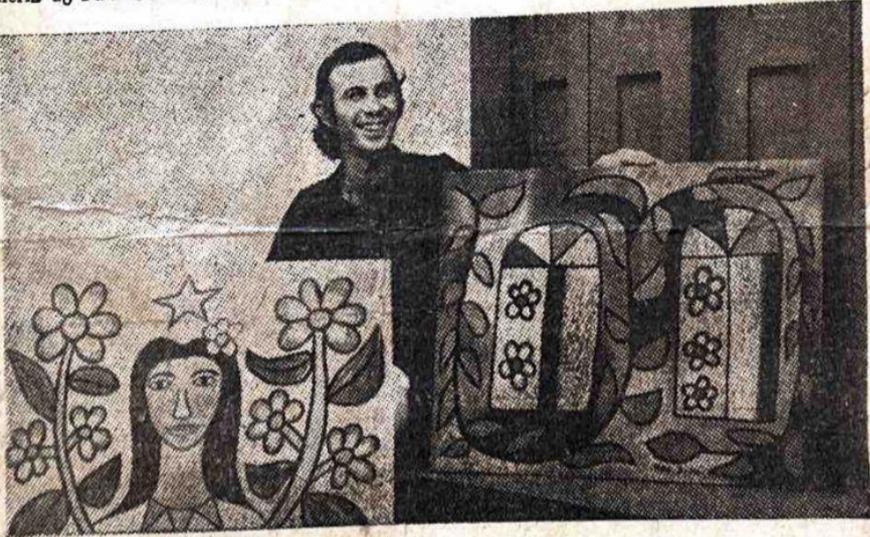
Falando sobre seus trabalhos, disse o acadêmico José Alencar, Alex: "Hoald é um jovem artista que sabe progredir e persistir em sua arte. Seus quadros revelam maior imaginação, domínio das cores, motivos e mesmo técnico. São além disto, quadros bem brasileiros ou tropicalistas no sentido de explorar cores e folhagens bem nossas. Vejo em Hoald um belo futuro nas artes plásticas".

Personalidades da vida intelectual do Recife, como Gilberto Freire e Ariano Suassuna, já opinaram sobre os trabalhos de Hoald e têm algumas das suas telas.

Françoís Hoald, que agora traz seus quadros para uma exposição na Bahia, é conhecido não apenas no Recife. Em Aracajú. Na entrada da Cidade, um grande marco-divisa apresenta um painel pintado por ele. O tema são os cajus vendendo no centro um braço que é por isso mesmo, "a marca registrada de Hoald". Este, inclusive, diz o pintor em tom de blague, é talvez o único braço que traz as armas do caju: as castanhas.

### PLANOS

Françoís Hoald diz que chegou a Salvador por acidente e pretende ficar por afirmação. Aqui, ele e Akel, pintor e escultor, vão abrir uma mini-galeria, na rua do Sodré. O ponto já foi alugado e já estão decorando os dois compartimentos alugados. No primeiro será a galeria e no outro o ateliê de trabalho.



O primitivista Hoald veio a Salvador, por acidente. Aqui pretende expor e abrir uma galeria de arte. O caju é a temática principal da mostra.

Fonte: Acervo particular da família Barreto

Após uma exposição bem-sucedida em Salvador, Hoald embarcou para o Rio de Janeiro, onde se estabeleceu e passou a morar provisoriamente. Nesse período, se envolveu no meio cultural carioca, conhecendo novas pessoas, consumindo arte e monta um ateliê de trabalho para continuar com suas produções.

Em dezembro, ele se reuniu com um grupo de artistas e organizam uma exposição coletiva com o tema natalino. Sendo realizada na Galeria Nono Andar em Copacabana, com cada artista trazendo em suas obras a diversidade cultural do seu lugar de origem. A mostra tem início em 13 de dezembro de 1972, permanecendo em cartaz até o dia 06 de janeiro de 1973.

A fig. 11, é um trecho do *Jornal Diário de Notícias*, publicado em 13 de dezembro de 1972, que divulga a inauguração da exposição e destaca os artistas participantes. Ao lado esquerdo do texto, encontra-se uma obra de arte da artista Mary Lino.

Figura 11: Trecho do *Jornal Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1972, p.5.



Fonte: Acervo particular da família Barreto.

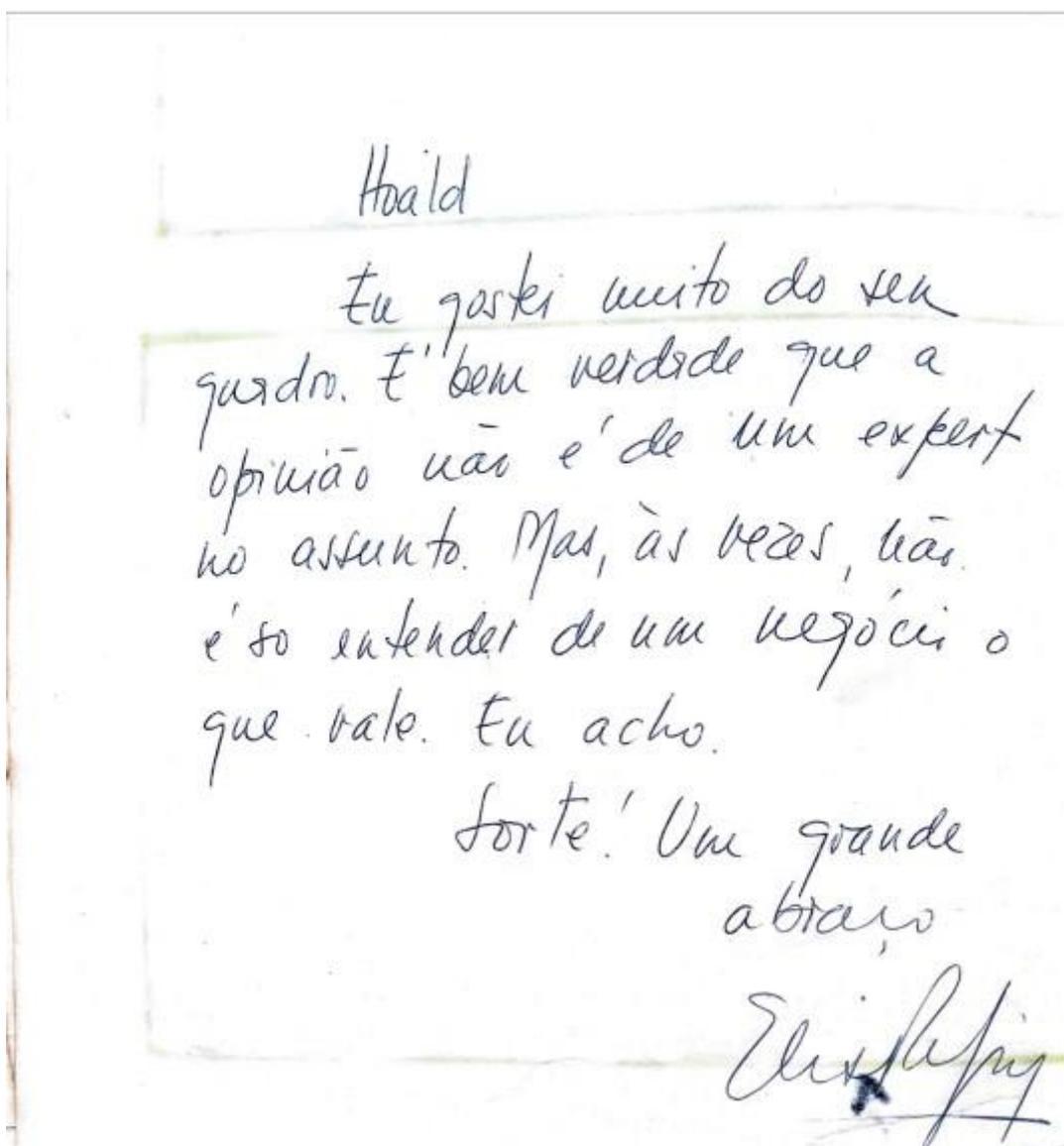
A estadia de Hoald no Rio de Janeiro, foi importante pelas vivências e experiências adquiridas, mas enfrentou desafios em relação à receptividade de sua arte. Segundo o próprio artista:

O povo carioca não tem sensibilidade para entender minha pintura ingênua, o trabalho artístico que se vê por lá é completamente diferente chega a agredir a gente. Mas, há muitas pessoas sensacionais, como Juca Chaves e Elis Regina, que

apreciam o meu trabalho e sentem o Brasil através dele. (ARQUIVO PÚBLICO DE ARACAJU. cx: 32. est: 61. p.28).

Hoald menciona que Elis Regina aprecia o seu trabalho. Ele a apresentou com uma tela, e ela lhe enviou uma carta dizendo o seguinte: 'Hoald, eu gostei muito do seu quadro. É bem verdade que a opinião não é de um expert no assunto. Mas, às vezes, não é só entender de um negócio que vale. Eu acho. Sorte! Um abraço' (Elis Regina). Na fig. 12, é possível visualizar essa carta, de onde o trecho acima foi extraído.

Figura 12: Carta de Elis Regina para François Hoald em 1973.



Hoald

Eu gostei muito do seu  
quadro. É bem verdade que a  
opinião não é de um expert  
no assunto. Mas, às vezes, não  
é só entender de um negócio o  
que vale. Eu acho.

Sorte! Um grande  
abraço

Elis Regina

Fonte: Acervo particular da família Barreto.

Mesmo após ter dificuldades de aceitação no Rio de Janeiro, Hoald não desistiu de fazer com que sua arte alcançasse um público mais amplo, ao mesmo tempo em que se insere na dinâmica da cena artística carioca da época, que passava por transformações significativas. Dessa forma em 1973, ele realizou uma exposição individual de pinturas em cerâmica no Rio de Janeiro. A seguir, na fig. 13, apresenta-se o convite oficial da exposição, enviado pelo artista à sua família:

Figura 13: Convite da exposição individual no Rio de Janeiro.

**V. S. e Família para a Exposição de Pinturas  
Em Ceramica do Artista Sergipano:**

**FRANÇOIS HOALD**



**Data: 19 de fevereiro de 1973 as 21 horas**

**Local: A Rua Decio Vilares N.º 278 Bairro Peixoto  
Copacabana**

**Fone: 255 46 17 - G. B.**

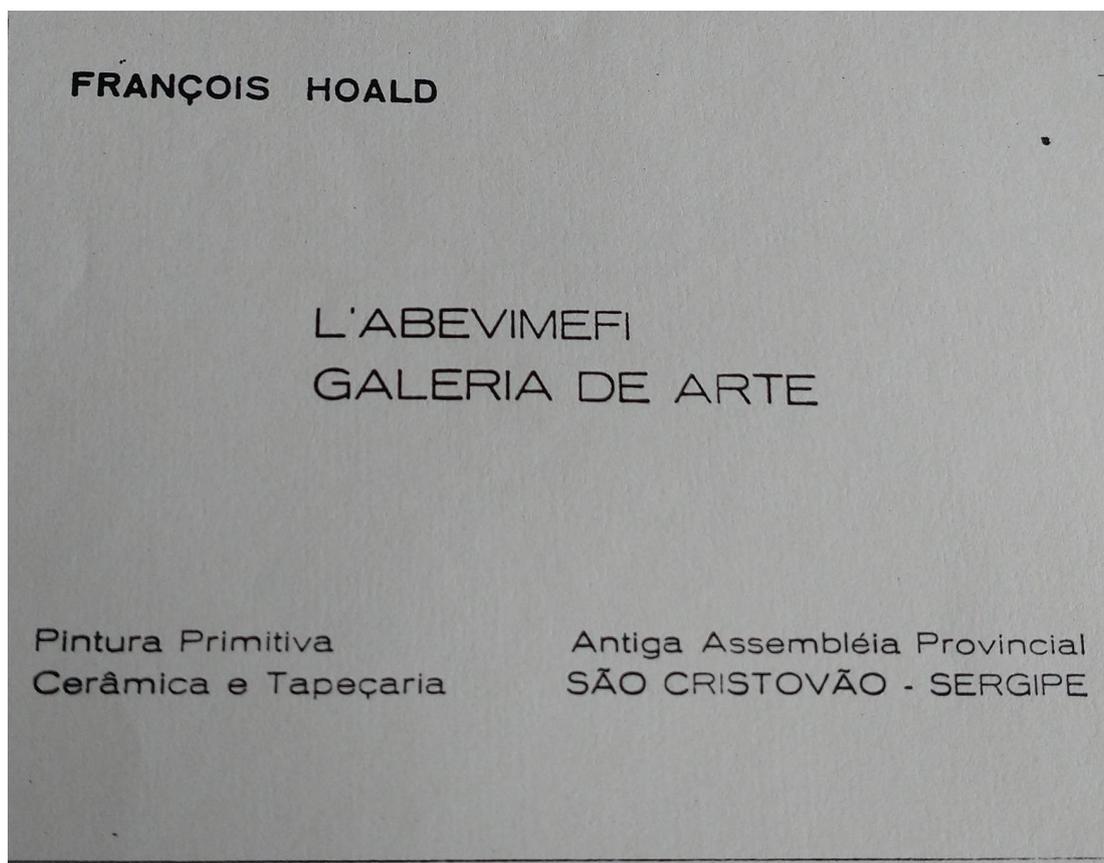
Fonte: Acervo pessoal da família Barreto.

Entre os muitos sonhos que François Hoald nutria como artista, um dos mais marcantes era o de abrir uma galeria de arte em seu estado natal, Sergipe. Esse desejo finalmente se concretizou em setembro de 1973, quando ele inaugurou sua própria galeria durante o II Festival de Arte de São Cristóvão, um dos eventos culturais mais prestigiados da época. A galeria recebeu o nome de “L’ABEVIMEFI”, uma nomenclatura singular que refletia o espírito criativo e ousado de Hoald.

Manoel Roald B. Melo (ou simplesmente François Hoald) em setembro de 1973 quando criou a sua Galeria “L’ABEVIMEFI” na cidade de São Cristóvão, em meio ao Festival de Arte. (JORNAL DA CIDADE. Aracaju, 28 de set. 1975, p. 9)

A fig. 14 é o convite de inauguração da Galeria “L’ABEVIMEFI” de François Hoald, em São Cristóvão (Sergipe). O documento destaca o local do evento, que seria em São Cristóvão, e menciona as principais produções que seriam expostas: pintura primitiva, cerâmica e tapeçaria.

Figura 14: Convite da abertura de sua galeria em São Cristóvão em 31 de setembro de 1973.



Fonte: Arquivo Público de Aracaju. cx: 32. est: 61. p.50.

Montar a galeria em meio ao II FASC, foi uma decisão estratégica e simbólica. O festival, que reunia pessoas de diferentes locais, contribuía para um momento de visibilidade artística. Assim, a abertura da galeria nesse contexto deu a Hoald a oportunidade de apresentar sua visão artística a um público mais amplo e reafirmar sua relevância no cenário das artes plásticas.

Em 1974, Hoald viajou para o Sudeste a convite do Educandário “Alzira Bley<sup>4</sup>”, onde realizou uma exposição na Galeria de Arte Efi Carvalho, localizada no município de Vitória, no Espírito Santo. A exposição, que ocorreu no dia 22 de agosto, apresentou obras com temáticas profundamente ligadas à cultura sergipana, destacando o caju como tema central. Os quadros, retratavam tanto elementos da fauna quanto da história regional, atraindo a presença de figuras importantes da sociedade capixaba, que se interessam pela poética expressada nas obras de Hoald.

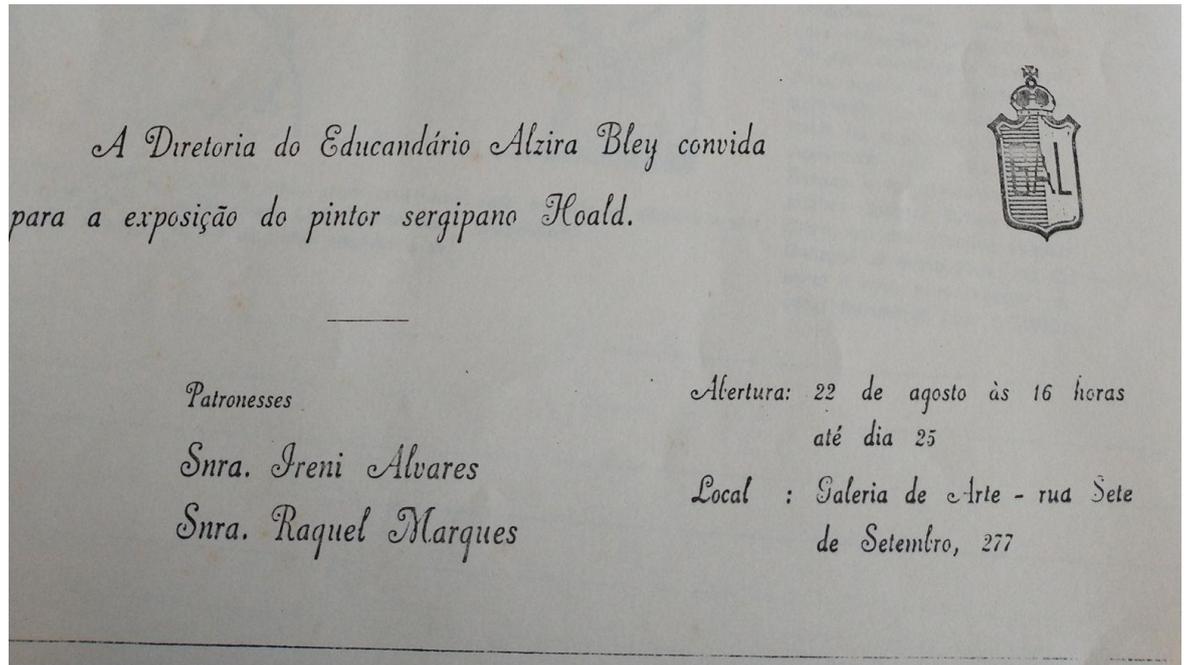
A Galeria de Arte da sra. Efi Carvalho esteve repleta de gente no entardecer da última quinta-feira, quando do coquetel de abertura da exposição do pintor sergipano Hoald. Ele veio a Vitória convidado pelo Educandário “Alzira Bley” e 20 % de cada tela vendida reverterão em benefício daquela entidade. Vários de seus quadros foram adquiridos por pessoas da sociedade capixaba, e entre elas, as Sras., Beatriz Abaurre, Zoé Drummond, Raquel Marques, Irene Alves, Elvira Loyola e Laura Chiabai. (JORNAL A TRIBUNA, Vitória, 24 de ago. 1974, p.6)

A fig. 15, é o convite da exposição, emitido pela Diretoria do Educandário Alzira Bley, possuindo um design comedido. Na parte inferior está o nome das patronesses do evento. As informações com data, horário e local estão contidos no mesmo.

---

<sup>4</sup> Essa instituição fundada em 1940 na cidade de Cariacica (Espírito Santo), acolhia crianças filhos de pais que possuíam hanseníase e estavam internadas no Hospital Pedro Fontes. Deixou de funcionar como preventório em 1979, devido as mudanças nas políticas de saúde pública brasileira. Atualmente promove atividades esportivas, recreativas e de atenção básica.

Figura 15: Convite da exposição na Galeria Efi Carvalho em 22 de agosto de 1974.



Fonte: Arquivo Público da cidade de Aracaju. cx: 32. est: 61. p.52.

Logo após essa exposição no Espírito Santo, Hoald sofreu um acidente de carro, ficando internado durante dois meses, desenvolvendo um abscesso hepático, que levou ao agravamento de seu estado de saúde. Infelizmente, em 28 de novembro de 1974, o “Barão de Itabi” faleceu tragicamente aos 27 anos, no Hospital Augusto Leite, em Aracaju, marcando o fim prematuro de uma carreira artística promissora. Seu corpo foi transportado para Itabi, sua cidade natal, onde foi sepultado, recebendo homenagens póstumas de seus conterrâneos.

Sua morte foi noticiada nos jornais sergipanos e pernambucanos, lamentando seu falecimento. A fig. 16 é um trecho do *Jornal Diário de Pernambuco*, que detalha como se sucedeu o acidente e o falecimento de Hoald, e também dá informações de sobre o velório e sepultamento.

Figura 16: Trecho do *Jornal Diário de Pernambuco*, Recife, 30 de novembro de 1974, p.5.



Fonte: Acervo particular da família Barreto.

Após a morte de Hoald, seu nome foi utilizado para denominar uma rua em Aracaju e outra em Itabi. Embora esse gesto represente uma forma de reconhecimento, é uma homenagem singela, considerando a importância de sua contribuição artística em Sergipe.

### 3. PRODUÇÃO ARTÍSTICA

#### 3.1 INFLUÊNCIAS

Pernambuco, no século XX, foi atravessada por um movimento artístico que buscava por uma diferenciação da arte modernista concebida em São Paulo. Os artistas vão buscar retratar em suas obras temáticas de valorização da cultura regional e das tradições. Embora os artistas produzam obras com influências modernas, o foco era justamente se diferenciar da estética modernista paulista, enfatizando a particularidade regional pernambucana. Esse movimento, liderado por nomes como Vicente do Rego Monteiro, Francisco Brennand, Ariano Suassuna e Gilberto Freyre, gerou um embate entre a estética modernista e o regionalismo tradicionalista.

Processava-se, em Pernambuco, uma reativação do sentimento regionalista, ao qual Freire adere - e toma liderança- ao pregar novas diretrizes para a pintura nordestina. As disputas entre futurismo, modo como o modernismo paulista foi designado e o regionalismo tradicionalista foram extremamente acirradas no Recife dos anos 1920 e contribuíram para catalisar ainda mais a reação regionalista de modo geral. (DIMITROV, 2013, p.25.)

François Hoald, ao chegar em Recife 1967, deparou-se com a exaltação do regionalismo nas artes, muito presente no estado. Frequentando a Escola de Belas Artes Pernambucana como ouvinte, não se identifica com a arte voltada para regras e padrões formais ditados pela academia. Em uma entrevista para o Jornal do Brasil, declarou:

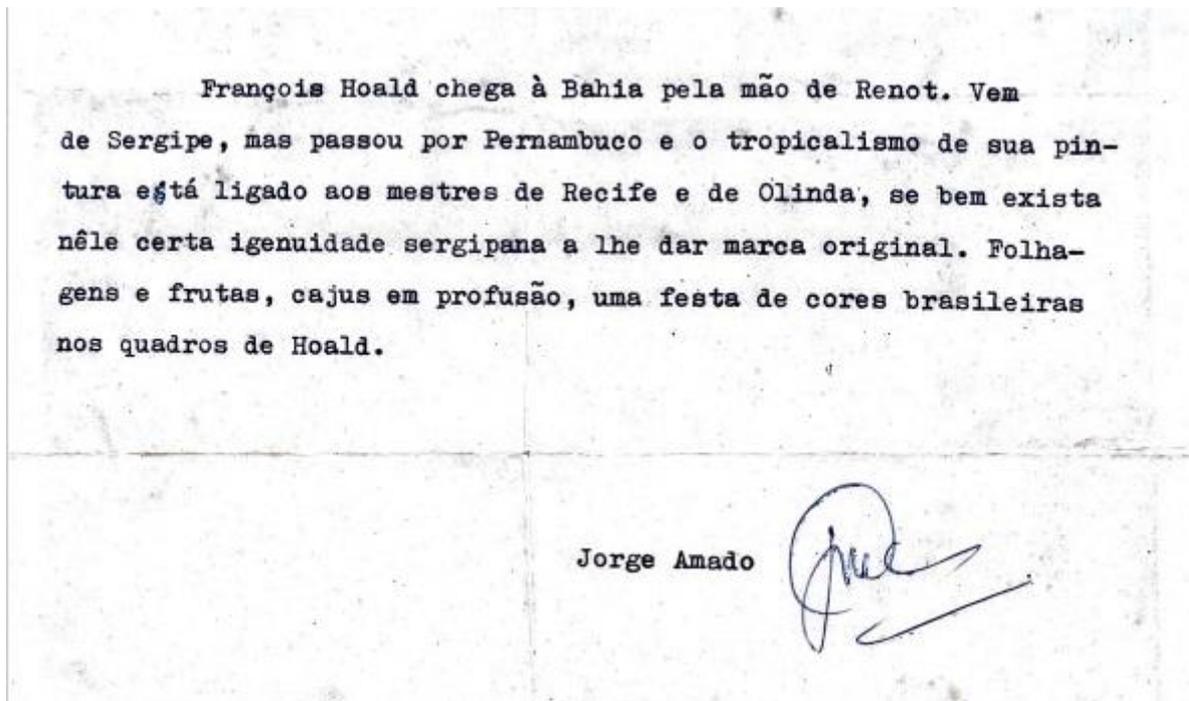
Acho que sou autodidata. Nunca deixei que a escola me bitolasse. Apenas procurei um conhecimento mais aprofundado da arte sem, entretanto, me ligar a suas regras. Não segui nenhuma escola de pintura e nunca estudei em livros, o caju da minha terra, sua gente e seus princípios foram os meus mestres. (JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 24 de julho de 1972, p.5)

Essa postura de Hoald, em busca de uma arte livre dos conceitos academicistas e que busca suas referências nas suas raízes culturais, assemelha-se ao que observa Lima:

É precisamente na arte popular que muitos artistas irão balizar seu trabalho. Essa busca faz com que seu olhar volte-se para expressões consideradas puras, encontradas em pinturas desenvolvidas por pessoas do povo, sem estudo das convenções artísticas e, concomitantemente, desprovidas de reconhecimento acadêmico. Porém, com expressivo valor pictórico, pela espontaneidade, inventividade e significados culturais fortemente representados. Estas obras são classificadas, na História da Arte, como arte primitiva. E, geralmente, caracterizam-se pelo autodidatismo, por técnicas rudimentares adquiridas de modo empírico, pela expressividade e liberdade formal (ausência de “aspectos acadêmicos”, como composição, perspectiva linear e respeito às cores “reais”). (LIMA, 2012, p. 75.)

Ainda em Pernambuco, Hoald teve contato com diversos artistas que produziam ativamente na década de 1970, um deles Francisco Brennand, que marca sua trajetória artística. Nesse contato é provável a troca de ideias para as produções, fazendo com que os críticos da época ressaltassem a semelhança entre suas obras. A fig.17 é um documento, que contém uma declaração de Jorge Amado, destacando as principais influências e características da obra de Hoald:

Figura 17: Crítica de Jorge Amado sobre a arte de Hoald em 10 de agosto de 1972.



Arquivo Público de Aracaju. cx: 32. Est: 61. p. 90.

Ariano Suassuna, também vai fazer uma crítica a obra de Hoald:

Não gosto de escrever certas coisas sobre artistas jovens. Os caminhos de cada um na Arte e na Literatura, são tão pessoais que uma opinião pode, às vezes atrapalhar não só o trabalho, mas até a vida dos outros. Quando Hoald veio me procurar a primeira vez em minha casa, disse-lhe, francamente, que considerava a influência de Brennand esmagadora, para o seu trabalho. Ele saiu, e volta agora, triste e inseguro porque mudar. Disse-me que só se sente bem fazendo a pintura que fazia antes – “Pois faça então, o que lhe agrada”! – disse-lhe eu. SUASSUNA, Ariano. Recife, 25 de julho de 1971.

A fig. 18 é um registo documental no qual o trecho acima foi retirado. Nesse documento, Suassuna relata uma conversa que teve com Hoald, destacando as influências perceptíveis na obra e, ao final, expressa seu desejo de que o artista siga o caminho artístico que desejar.

Figura 18: Documento de Ariano Suassuna sobre Hoald em 25 de julho de 1971.

Não gosto de escrever certas coisas sobre artistas jovens. Os caminhos de cada um, na Arte e na literatura, são tão pessoais que uma opinião pode, às vezes atrapalhar não só o trabalho, mas até a vida dos outros. Quando Hoald veio me procurar a primeira vez em minha casa, disse-me, francamente, que considerava a influência de Breunard esmagadora, para seu trabalho. Ele saiu, e volta agora, triste e inseguro porque mudou. Disse-me que só se sente bem fazendo a pintura que fazia antes - e que é, realmente, melhor do que a nova.

- "Por favor então, o que lhe agrada!"  
- disse-me eu.

Havia um pintor belga que dizia: "O gênio consiste em imitar Rubens". E passou a vida seguindo esse programa. É o que, talvez, compencha a Hoald. Não ouça mas a ninguém - nem a mim nem a outros. Siga o caminho que lhe parecer melhor e tenha a sorte que lhe deseja.

Ariano Suassuna  
Recife, 25. VII. 71.

Acervo particular da família Barreto.

O Primitivismo Tropical, movimento na qual Hoald estava inserido, tem como características as formas puras, cores vibrantes, representação do folclore, simplificação dos traços e uma exaltação da natureza regional. Sua poética está intrinsecamente ligada à sua terra natal, refletindo a identidade sergipana por meio da predominância de temas tropicais, da natureza e do folclore local. Suas pinturas realizadas em cerâmicas, telas e murais, apresentam o caju, símbolo da cidade de Aracaju (Sergipe), como tema central, fortalecendo a ideia de que sua arte tem como principal objetivo a valorização da cultura regional.

Ao analisar as produções de Hoald, do ponto de vista de Gombrich (2006), que destaca que a interação entre artistas é importantíssima para a evolução da arte, visto que, ao estabelecer contato, os artistas trocam ideias, técnicas e inspirações, resultando em inovações que enriquecem suas obras. Dessa forma, acontece uma influência mútua, que é essencial para a criatividade e resulta, conseqüentemente numa semelhança em suas produções.

Porém, apesar das semelhanças com Brennand, a arte de Hoald, possui sua subjetividade e características próprias, baseadas nas suas vivências pessoais. Em uma entrevista para o Jornal do Brasil, Hoald diz:

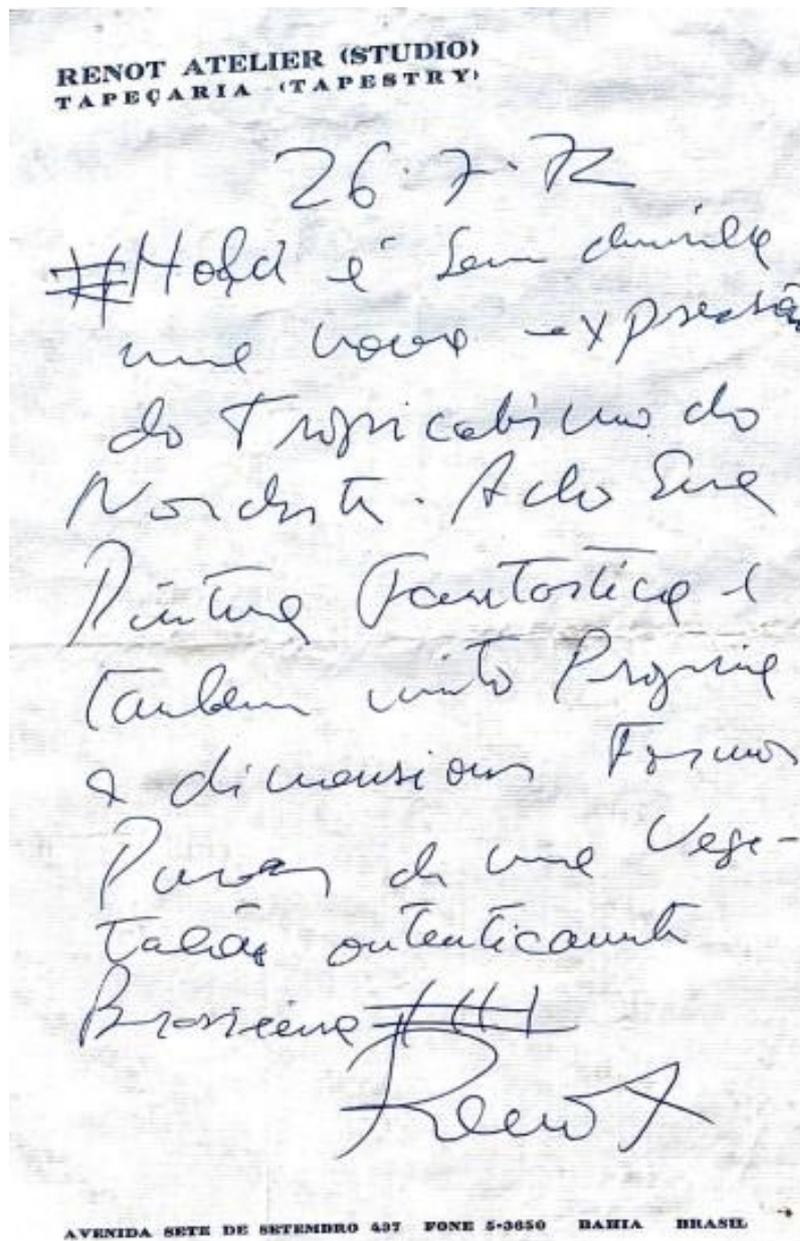
Em Recife, Brennand pinta seus cajus. Em Aracaju eu pinto os meus. São essencialmente diferentes, embora tanto eu como ele sigamos a mesma escola; isto é, do primitivismo tropical brasileiro. (JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. 24 de julho de 1972, p.5)

Reinaldo Eliomar de Freitas Marques da Silva, um artista baiano que ficou conhecido pelo pseudônimo de “Renot”, devido à sua coluna social no Jornal da Bahia, destaca o seguinte sobre a obra de Hoald:

Hoald é sem dúvida uma nova expressão do tropicalismo do Nordeste. Acho sua pintura fantástica e também muito própria a dimensionar formas puras de uma verdadeira autenticidade brasileira. (RENOT. Bahia. 26 jul. 1972.)

A fig. 19 é o documento de onde foi extraído o texto acima, no qual Renot comenta sobre a arte de Hoald.

Figura 19: Documento em que Renot comenta sobre a arte de Hoald em 26 de julho de 1972.



Fonte: Acervo particular da família Barreto.

A fig. 20 é um recorte do *Jornal Tribuna da Bahia*, publicado em 15 de agosto de 1972, que divulgava a exposição de Hoald em Salvador. O material também contém uma fotografia do artista junto a uma de suas obras. O destaque desse recorte é a análise de Alex<sup>5</sup> sobre a arte de Hoald.

<sup>5</sup> José de Souza Alencar, que ficou conhecido como Alex, foi um colunista social do *Jornal do Commercio* de Recife e crítico de arte.

Figura 20: Recorte do *Jornal Tribuna da Bahia*, Salvador, 15 de agosto de 1972.

TRIBUNA DA **OS QUADROS DE HOALD** BAHIA  
**NA BRIGITE BOUTIQUE**

François Hoald, artista pernambucano, vai expor seus trabalhos a partir de sábado próximo na Brigitte Boutique à avenida 7 de Setembro 283-A, com abertura às 20 horas.

Hoald já expôs na galeria do Rosário dos Pretos, na Galeria Hoald Art e no hall da reitoria da Universidade Federal de Pernambuco. Todas exposições em Recife.

Para Renot "Hoald é sem dúvida uma nova expressão do tropicalismo do Nordeste. Acho sua pintura fantástica e também muito própria a dimensionar formas puras de uma vegetação tipicamente brasileira.

**O FUTURO**

Para o crítico Alex, de Recife, "Hoald é um jovem artista que soube progredir e persistir em sua arte. Seus quadros revelam maior imaginação, domínio das cores, motivo e mesmo técnica. São além disso quadros bem brasileiros ou tropicalista no sentido de explorar flores e folhagens bem nossas. Vejo em Hoald um belo futuro nas artes plásticas".

Fonte: Arquivo Público de Aracaju. cx: 32. est: 61. p.32.

Essas críticas deixam evidente que, apesar das influências sofridas, a obra de Hoald, tem suas características próprias, refletindo suas concepções subjetivas de mundo. Para analisá-la adequadamente, é preciso considerar como ele expressa essas ideias. Dessa forma, para que essa análise consiga abranger uma possível interpretação iconográfica, será utilizado o método de análise de imagens de Erwin Panofsky, que propõe três níveis de significado na leitura de uma obra. A primeira etapa, é a descrição pré-iconográfica, que diz respeito a identificação dos elementos básicos da obra, que Panofsky intitula de formas puras, ou seja, as cores, linhas, forma, composição, textura, luz e sombra. "Os objetos e eventos, cuja representação por linhas, cores e volumes constituem o mundo dos motivos, podem ser identificados, como já vimos, tendo por base nossa experiência prática" (PANOFSKY, 2012, p.55). Ou seja, reconhecemos esses elementos sem nenhum conhecimento histórico ou artístico prévio, depois os relacionamos com os outros elementos da composição.

A segunda etapa é a análise iconográfica, é preciso ir além do conjunto visível das formas, buscando os significados que elas carregam. Isso é feito através da bagagem de conhecimentos individuais, com o objetivo de uma compreensão mais aprofundada. Essa análise permite o observador entender a obra para além da sua simples aparência, dependendo da interpretação correta dos signos. "Uma análise iconográfica correta pressupõe uma identificação exata dos motivos. Se a faca que nos permite identificar São Bartolomeu não for uma faca, mas um abridor de garrafas, a figura não será São Bartolomeu." (PANOFSKY, 2012, p.51).

A última etapa, é intitulada de interpretação iconológica, indo além das formas e temas. Panofsky descreve que o significado de uma obra está relacionado com o período no qual a obra foi criada e quais os valores culturais, históricos e sociais que ela carrega. Essa análise, busca ir além da simples descrição das obras, investigando de forma mais aprofundada os significados que elas representam, destacando a determinada cultura ou sociedade específica à qual pertencem. “Uma interpretação realmente exaustiva do significado intrínseco ou conteúdo poderia até nos mostrar técnicas características de um certo país, período ou artista.” (PANOFSKY, 2012, p.52).

### 3.2 ANÁLISE DAS OBRAS

A escolha do material que um artista vai trabalhar é de extrema importância no processo de produção. Embora Hoald tenha utilizado de vários materiais para suas produções, incluindo cerâmicas, telas e paredes. Essa análise se delimita a analisar suas produções em telas, que são majoritariamente, pintadas com tinta a óleo, o que indica uma certa preferência por esse material.

Na obra *Mulher Vegetal* (fig. 21), o uso da simplificação das formas é bastante utilizado, principalmente na figura centralizada, que contém traços humanos e elementos vegetais. Os cabelos são retratados por folhas em dois tons de verde, e esses mesmos tons são usados nos galhos que saem dos ombros da figura. A pele é representada em um tom de amarelo ocre, dando-lhe um aspecto terroso. Estrelas também são representadas no plano dessa composição. O que causa grande destaque é o fundo roxo, que contrasta com a sua cor complementar, o verde dos cabelos, provocando uma combinação forte e vibrante.

A junção entre o humano e o vegetal remete ao tema de harmonia e da conexão entre ambos, reforçado principalmente pelo uso do tom terroso na pele e da figura que contém características mistas. Os cabelos de folhas podem simbolizar crescimento, enquanto que os ramos que saem dos ombros sugerem uma união ao natural. A escolha de cores, cria um contraste que sugere dualidade entre o ambiente natural e o terreno.

As pinturas de Hoald, são realizadas com tinta a óleo, mas esse material é utilizado para fazer camadas de sobreposição nos elementos criando contraste na cor. Mas Hoald, faz a aplicação da tinta de forma chapada, sem sombreamento. Para dar contraste, ele geralmente utiliza o uso de tons diferentes, resultando na cor como um elemento expressivo significativo, resultando em obras sem a ilusão de profundidade. Assim, na composição, as figuras geralmente são apresentadas prevalecendo a planaridade.

Figura 21: Obra intitulada “Mulher Vegetal”.



Ano: (?). Materiais: óleo sobre tela. Dimensões: 0,50 X 0,99 cm.

Fonte: Acervo particular da família Barreto.

A obra *Pássaro Sazonado* (fig.22) apresenta uma composição simétrica, com a repetição de formas circulares. No centro, há um grande círculo com o fundo pintado de laranja, dentro do mesmo está um pássaro azul, disposto de perfil e centralizado. Ele está pousado sobre um galho com folhas em tons verdes. Acima do pássaro, há uma estrela amarela. Esse círculo é cercado por um padrão de vários outros círculos, colocados lado a lado, formando uma figura que remete a uma flor estilizada. A segunda parte do fundo da pintura é preenchida com cajus, flores e galhos serpenteados. O fundo, em si, é pintado em um tom de vermelho mais escuro, e um pontilhismo de tom mais claro sobreposto.

O pássaro, simboliza culturalmente o espírito de liberdade, enquanto as folhagens ao seu redor podem representar a união entre a fauna e flora. Os círculos apresentados remetem à ideia de unidade na totalidade. A estrela amarela, considerada símbolo de luz, podendo remeter a iluminação. O caju, outro elemento de destaque, está ligado à identidade cultural do artista. Sua presença abundante na tela reforça um significado de fertilidade, e, quando organizados com outros elementos naturais, como as flores, as folhas e o pássaro, reforçam a ideia de um ciclo natural.

Essa obra afirma a identidade cultural através da representação dos cajus, um fruto que se torna um elo de ligação entre natureza e cultura. O contraste entre o pássaro azul e os cajus

alaranjados cria uma relação complementar, sugerindo a união dos ciclos naturais. Os traços serpenteados vão de encontro com a rigidez dos círculos, dando um caráter mais vivo a obra. O pássaro, nesse caso, não representa somente a liberdade, mas, em diálogo com toda a composição, fazem parte de um mesmo ciclo, resultando num equilíbrio. Portanto, a obra sugere uma visão, onde não é possível separar o animal do vegetal.

Figura 22: Obra intitulada “Pássaro Sazonado”.



Ano: 1973. Materiais: óleo sobre tela. Dimensões: 1,08 X 1,34 cm.

Fonte: Acervo do Palácio Museu Olímpio Campos.

Algumas obras de François Hoald, são voltadas para temática religiosa, o que pode ser justificado pelo fato de ele ter pertencido a uma família católica devota. Na obra *Justiça* (fig. 23), há um círculo central pintado de azul, dando destaque a composição. Dentro desse círculo, encontra-se uma forma que remete a uma cruz, porém é uma forma ambígua, pois ela também se assemelha com uma balança. De um lado da balança, há um caju e, do outro uma

castanha com duas folhas. O fundo da tela é composto de faixas de cores intercaladas entre laranja e um tom mais claro, que tem seu fim quando chegam no círculo central azul, sugerindo uma ordem. A alternância de cores e o uso formas geométricas ressaltam a simplificação na estrutura da composição.

A cruz é um símbolo associado ao cristianismo, mas sua similaridade com uma balança pode indicar um comedimento. Já balança é associada à justiça, conceito que dá nome à obra. Esse elemento traz à composição um antagonismo entre o espiritual e o material. A castanha e o caju são elementos naturais que remetem à cultura sergipana. Enquanto que as castanhas, distribuídas ao redor do fundo, podem indicar os caminhos que conectam ao um equilíbrio num ciclo constante.

Uma possível interpretação é que essa obra seja a representação do conflito entre o espiritual e material, simbolizado pela dualidade da cruz/balança. Isso sugere que a justiça não deve ser vista somente como imposição divina, mas como algo que se baseia na razão. A balança, coloca em peso dois elementos: o caju e a castanha, como se fosse uma tentativa de alcançar o equilíbrio na realidade cotidiana. O círculo azul central, representa um ponto que conecta todos os elementos da composição.

Figura 23: Obra intitulada “Justiça”.



Ano: 1972. Material: óleo sobre tela. Dimensões: 0,50 X 0,80 cm.

Fonte: Acervo particular da família Barreto.

Na obra de título desconhecido (fig. 24), existe um padrão que se repete: o círculo central, o que o difere é na cor empregada, um tom de azul mais claro. Dentro desse círculo, há uma figura masculina de cabelos longos e barba, com os braços abertos na horizontal. As palmas de suas mãos são tingidas de vermelho, sugerindo que seja sangue caindo. Na parte superior desse círculo, há um degradê entre amarelo, vermelho em um tom mais escuro e tons de bege. Ainda dentro do círculo na parte inferior da composição, existe um caju repartido ao meio, de onde a figura masculina parece sair. Ao redor do círculo azul, estão sete estrelas amarelas. O fundo é composto com folhas e flores, em tons de verde, azul e marrom, tendo a predominância das cores primárias.

A figura masculina com os braços abertos remete a Jesus Cristo no momento da crucificação. As palmas das mãos, pintadas de vermelho, representam o sofrimento de Jesus e o derramamento de sangue na cruz para a redenção da humanidade. O azul utilizado no círculo indica uma certa serenidade, que é frequentemente associado ao divino. Para Pedrosa, “Diante do azul, a lógica do pensamento consciente cede lugar à fantasia e aos sonhos que emergem dos abismos mais profundos de nosso mundo interior, abrindo as portas do inconsciente e pré-consciente.” (PEDROSA, 1982, p. 114.). Dessa forma, esse azul presente, reforça o caráter sagrado da figura, além de transcender o espaço e se conectar com o espiritual.

O caju cortado, com a figura que se revela, pode representar a ideia de ressurreição/renascimento. As folhas e flores que compõem o segundo fundo estabelecem uma conexão entre natureza e o espiritual, provocando a reflexão de Jesus Cristo como criador. As estrelas, possivelmente, simbolizam a luz divina, que guia e ilumina os caminhos. Essa obra é um convite à reflexão sobre fé e religiosidade, apresentando os temas de sacrifício e a vida eterna.

Figura 24: Obra de título desconhecido.



Ano: 1974. Materiais: óleo sobre tela.

Dimensões 0,50 X 0,60 cm. Fonte: Acervo particular da família Barreto.

Uma característica marcante nas obras de Hoald é a simplificação dos desenhos, resultando em uma estilização feita através do uso dos elementos geométricos básicos, como o círculo, o quadrado e o retângulo. Esse fenômeno pode ser explicado através da teoria da Gestalt, que Arnheim descreve: “a lei básica da percepção visual: qualquer padrão de estímulo tende a ser visto de tal modo que a estrutura resultante é tão simples quanto as condições dadas permitem.” (ARNHEIM, 1980, p.47)

Ou seja, segundo a teoria da Gestalt, abordada por Arnheim, nosso cérebro não analisa os elementos de forma isolada em uma composição, mas sim como um todo que faz sentido. A simplificação realizada por Hoald, reduzindo os elementos às formas mais simples, provoca a organização dos elementos e cria um equilíbrio visual objetivo, guiando o olhar do observador para perceber a obra de forma mais explícita e facilitando a leitura da composição.

Na obra de título desconhecido (fig. 25), no lado direito, um caju grande é representado de forma estilizada, utilizando figuras geométricas que são elas, círculos, retângulos e triângulos. O fundo da obra é pintado de verde, composto por pontilhismo branco por toda a obra. Na parte superior desse grande caju, saem dois ramos curvos, compondo a parte esquerda da tela. O ramo à esquerda é composto por folhas verdes, enquanto o ramo da direita tem cajus pendurados, pintados em tons de vermelho, amarelo e rosa claro. As castanhas são pintadas de azul e os contornos das figuras são todas marcadas em preto.

O caju é o ponto central da obra de Hoald, presente em todas as suas composições. Porém, a sua representação não é puramente estética, mas sim, por que fazem parte de sua identidade e de seu repertório cultural. O uso das cores chapas sem sobreposição, característica de sua técnica, também estão sendo utilizadas aqui.

Figura 25: Obra de título desconhecido.



Ano: 1973. Materiais: óleo sobre tela.  
Dimensões: 0,79 X 0,55 cm.  
Fonte: Acervo particular da família Barreto.

Na fig. 26, obra de título desconhecido, a composição apresenta um caju em tom de vermelho alaranjado, localizado no centro da obra. Dentro do mesmo, há as formas geométricas, que são círculos e triângulos. Uma faca é crava no caju que o atravessa, e pode simbolizar um ato de violência. As folhas, em tons de verde e amarelo, podem ter uma referência à bandeira de Sergipe, reforçando a leitura de identidade cultural. A castanha, está pintada em um tom de marrom mais claro. O fundo, todo em azul-marinho, remete a imensidão, colocando o caju em destaque como protagonista central.

A presença da faca no caju, sugere um atrito entre o natural e a intervenção humana, tendo uma simbologia forte. Ela remete à exploração e violência contra a natureza, ou até mesmo pode simbolizar algo relacionado a fragilidade das coisas.

Figura 26: Obra de título desconhecido.



Ano: 1972. Materiais: óleo sobre tela.

Dimensões: 0,30 X 0,30 cm.

Fonte: Acervo particular da família Barreto.

A obra de Hoald que foge da sua temática, é a pintura *Mãe* (fig. 27), de 1969, que atualmente está no acervo da Galeria de Arte Álvaro Santos em Aracaju (Sergipe). Representa uma figura feminina, sem vestes, e há um sentimento de angústia que toma o quadro. A fisionomia da pessoa representada está distorcida, os olhos arregalados e a face triste. O uso

intenso do sombreamento e o fundo vermelho escuro criam uma atmosfera dramática, diferente do estilo alegre e vibrante de Hoald.

Na parte externa da tela (fig.28) há um poema, que está escrito o seguinte: “Mãe, já nada mais tem para dar. Já o vestes até com os velhos trapos que vos cobriam o puro e amado corpo. E ao vê-la assim, tal qual o puro cordeiro à imolação, eu vos choro e clamo: EU VOS AMO, MINHA QUERIDA MAMÃE”.

A leitura desse poema, juntamente com a visualização da obra, permite elaborar uma hipótese de que a mãe de Hoald, em sua velhice, estava em um momento de grande fragilidade. O trecho “cordeiro à imolação” reforça essa ideia, indicando uma aproximação da morte. Essa obra de Hoald tem semelhança com *O grito* de Edvard Munch, como descreve Gombrich:

Seu objetivo é expressar como uma emoção súbita é capaz de transformar todas nossas impressões sensoriais. Todas as linhas parecem conduzir ao foco da gravura – o rosto que grita. É como se todo o cenário participasse da angústia e agitação daquele grito. A fisionomia da pessoa que grita é distorcida como uma caricatura; os olhos esbugalhados e as faces cavadas remetem a uma representação da morte. Algo terrível deve ter acontecido, e a gravura torna-se ainda mais inquietante porque talvez nunca venhamos a saber o significado desse grito. (GOMBRICH, 2006, p. 437).

Devido à circunstância que sua mãe se encontrava, Hoald fugiu da sua temática habitual, explorando uma influência expressionista. Isso fica explícito com a distorção da figura e o contraste feito com o sombreamento para ressaltar a dramaticidade da cena. Assim como em um “*O grito*” de Munch, a obra “*Mãe*” de Hoald transmite um momento de angústia de forma direta e profunda.

Figura 27: Obra intitulada “Mãe”.

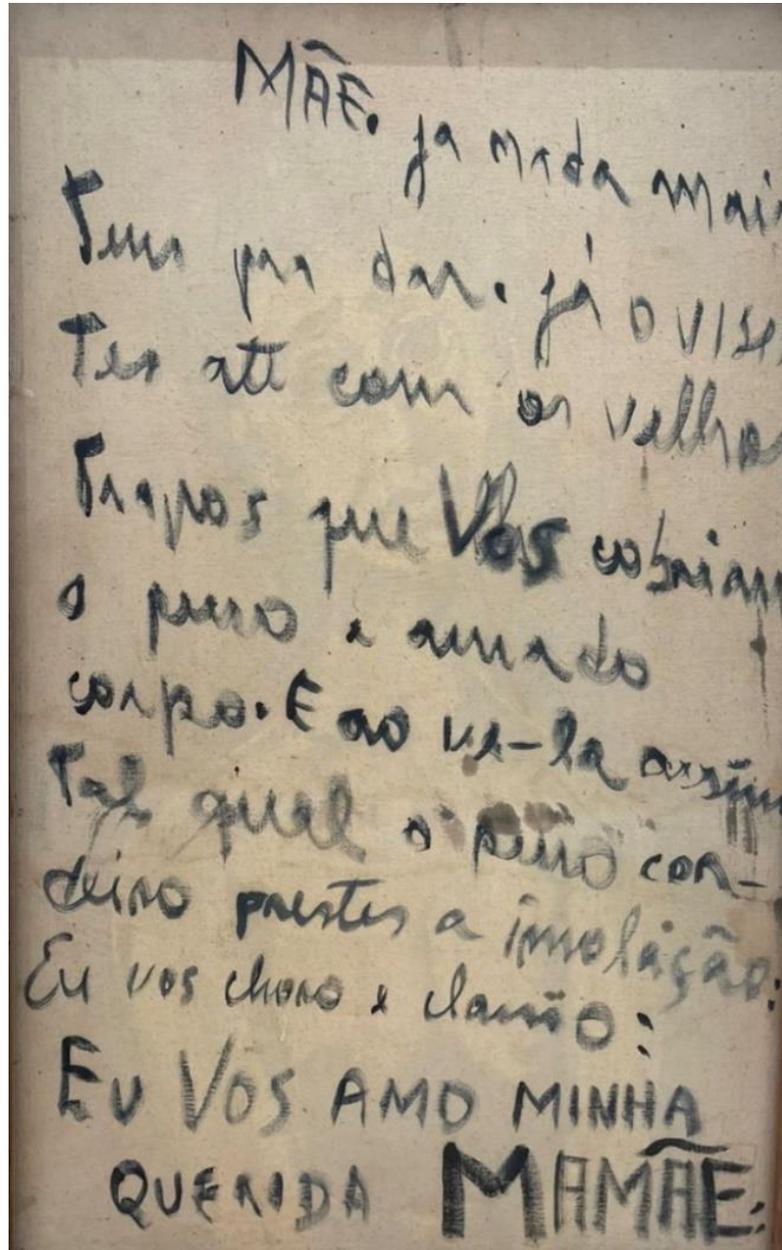


Ano: 1969. Materiais: óleo sobre tela.

Dimensões: 0,90 X 0,60 cm.

Fonte: Acervo da Galeria Álvaro Santos.

Figura 28: Poema na parte externa da obra "Mãe".



MÃE. Já nada mais  
fui pra dar. Já o visto  
ter até com os velhos  
tempo que vos cobriam  
o peso e amado  
corpo. E ao us-la assim  
tal qual o peso con-  
deino partes a imolação.  
Eu vos choro e clamo:  
EU VOS AMO MINHA  
QUERIDA MAMÃE.

Ano: 1969. Materiais: óleo sobre tela.

Dimensões: 0,90 X 0,60 cm.

Fonte: Acervo da Galeria Álvaro Santos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como principal objetivo registrar e documentar a trajetória artística de François Hoald, proporcionando um entendimento da particularidade de sua poética e de sua relação com a identidade sergipana. Ao longo do estudo, foi possível identificar a riqueza e complexidade de sua obra, que, embora tenha sido influenciada por outros artistas, é marcada pela retratação da cultura sergipana de maneira autêntica e subjetiva.

As dificuldades enfrentadas por Hoald em busca de tornar sua arte reconhecida, demonstram que seu legado foi construído através de dedicação e talento. Apesar das influências externas, ele se manteve fiel ao movimento primitivista, característica essencial para compreender suas técnicas e temáticas. A única exceção dessa constância é a obra *Mãe*, devido a uma singularidade excepcional, refletindo um momento de profunda emoção na vida do artista.

Este estudo também ressalta a necessidade de iniciativas voltadas para a preservação da história da arte local, pois, como no caso de Hoald, embora ele tenha recebido um reconhecimento significativo em sua época, com o passar do tempo, teve sua relevância aos poucos esquecida.

Ao escrever sobre sua trajetória e analisar sua obra, este estudo não apenas reforça a importância de Hoald para o cenário artístico, mas também convida à reflexão sobre a valorização de artistas regionais que, muitas vezes, permanecem à margem em detrimento de grandes nomes da arte.

Diante dessas constatações, este trabalho aponta caminhos para futuras investigações. Uma das possibilidades seria um levantamento sobre outros artistas sergipanos que, assim como Hoald, possuem uma produção significativa, mas que necessitam de reconhecimento e análise crítica. Outra alternativa seria a organização de exposições e publicações que reúnam sua obra, tornando seu legado acessível e incentivando novas interpretações sobre suas obras e contribuições. Também seria relevante, em pesquisas futuras, um aprofundamento sobre Hoald e outros primitivistas, buscando compreender como esse movimento se manifesta de forma diferente a depender dos contextos sociais e culturais.

Dessa forma, este trabalho não se limita a apenas documentar a vida e obra de Hoald, mas se insere em uma discussão mais ampla sobre a preservação da memória cultural e a necessidade do fortalecimento do cenário artístico local. Que este seja um ponto de partida

para novas pesquisas, incentivando o aprofundamento na obra de Hoald e contribuindo na valorização de outros artistas sergipanos que merecem o devido reconhecimento.

## 5. REFERÊNCIAS

### I. FONTES

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE ARACAJU. **Artistas plásticos/Artistas plásticos sergipanos**. Letra SGHI. cx. 32, est. 61. Consulta realizada em: 10/08/2024.

ACERVO PARTICULAR DA FAMÍLIA BARRETO. **Documentos diversos** (cartas, recortes de jornais, convites de exposições, fotografias) Aracaju – Sergipe. Consulta realizada em 10/09/2024.

\_\_\_\_\_ **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 13 dez. 1972, p.5.

\_\_\_\_\_ **Diário de Pernambuco**, Recife, 26 ago. 1970, p.6.

\_\_\_\_\_ **Diário de Pernambuco**, Recife, 21 mai. 1971, p.6.

\_\_\_\_\_ **Diário de Pernambuco**, Recife, 30 nov. 1974, p.5.

\_\_\_\_\_ **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 06 fev. 1972, p. 2.

\_\_\_\_\_ **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 09 mai. 1972, p.8.

\_\_\_\_\_ **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 15 ago. 1972. p. 7.

\_\_\_\_\_ **Jornal A Tribuna**, Vitória, 24 de ago. 1974, p.6.

\_\_\_\_\_ **Jornal A União**, João Pessoa, 08 fev. 1969, p.5.

\_\_\_\_\_ **Jornal da Bahia**, Bahia, 08 ago. 1972, p. 6.

\_\_\_\_\_ **Jornal da Cidade**, Aracaju, 02 jun. 1972, p.12.

\_\_\_\_\_ **Jornal da Cidade**, Aracaju, 28 set. 1975. p. 9.

\_\_\_\_\_ **Jornal Do Commercio**, Recife. 20 jun. 1970.

\_\_\_\_\_ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 jul. 1972, p.5.

\_\_\_\_\_ **Jornal Gente e Notícias**, João Pessoa, 27 fev. 1969, p.6.

\_\_\_\_\_ **Jornal Tribuna da Bahia**, Salvador, 15 ago. 1972.

### II. BIBLIOGRAFIA

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual**. São Paulo: Pioneira. Ed. Da USP, 1980.

DIMITROV, Eduardo. **Regional como opção, regional como prisão: trajetórias artísticas no modernismo pernambucano**. 2013. 331 p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

PEDROSA. Israel. **Da cor à cor inexistente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1982, coeditado pela Editora Universidade de Brasília.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

LIMA, Márcio Santos. **João Alves, o pintor da cidade: relações dialógicas entre a pintura “primitiva” e o modernismo baiano**. 2012. 152 p. Dissertação (mestrado em artes visuais) – Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2012.

TELES. Suzannah Ethel Freitas. Praça Fausto Cardoso e seu processo de urbanização. *in*: NOGUEIRA, Adriana Dantas (org.). **Aestheis**. Aracaju: Editora UFS, 2009. p. 193-216.

## 6. APÊNDICE

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OBTENÇÃO E UTILIZAÇÃO DE IMAGENS**

O senhor está sendo convidado para participar de uma pesquisa. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que o senhor não consiga entender, converse com a pesquisadora responsável pelo estudo para esclarecê-los.

A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo.

A estudante Fabiana Freitas Santos, matrícula nº 202100010489, do curso de Artes Visuais, da Universidade Federal de Sergipe, está a produzir o seu Trabalho de Conclusão de Curso, sobre A Vida e Obra Do Artista Plástico François Hoald, tendo como um dos requisitos fundamentais dessa pesquisa, fotografar, documentar e analisar as produções artísticas de Hoald. Para tanto, solicito a sua participação de forma voluntária.

Se o senhor aceitar participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação serão:

- A autorização do uso das fotografias das obras de arte do artista François Hoald, que estão no seu acervo pessoal.
- O acesso e autorização do uso dos documentos e imagens sobre o artista François Hoald, que estão no seu acervo pessoal.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso o senhor decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento durante a pesquisa, não haverá nenhum prejuízo, penalidade ou responsabilidade.

Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela sua participação na pesquisa e o senhor não terá nenhum custo com respeito aos procedimentos envolvidos.

As fotografias das obras de arte de François Hoald, os documentos e imagens sobre Hoald, serão utilizadas exclusivamente para os seguintes fins: Inclusão no Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Fabiana Freitas Santos; Possível publicação em artigos científicos, revistas, catálogos e trabalhos acadêmicos e exibição em possíveis apresentações acadêmicas e seminários, caso necessário.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como é garantido ao senhor, o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que o senhor queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do senhor e a outra da pesquisadora.

### **Declaração de Consentimento**

Declaro que fui devidamente informado sobre o que a pesquisadora quer fazer, e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não serei remunerado, e que posso sair quando quiser.

_____	Data: ____/____/____
Nome do participante	
_____	Local: _____
Assinatura do participante	

Eu, declaro que obtive de forma apropriada, esclarecida e voluntária a autorização do uso das fotografias, documentos e imagens referentes ao artista plástico François Hoald, estão no acevo pessoal do participante.

_____	Data: ____/____/____
Assinatura da pesquisadora	
	Local: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS E DESIGN - DAVD

Ao  
Ilmo. Sr.  
**Elicelmo Zuzarte**  
Diretor do Palácio Museu Olímpio Campos

**Assunto: Solicitação de autorização para fotografia de obra de arte.**

Prezado Diretor,

Eu, **FABIANA FREITAS SANTOS** estudante do curso de Artes Visuais, da Universidade Federal de Sergipe, **matrícula n.º. 202100010489**. Venho por meio deste ofício solicitar a autorização para fotografar a obra de arte do artista plástico François Hoald, que pertence ao acervo do Palácio Museu Olímpio Campos. O objetivo dessa fotografia é anexar no meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: “François Hoald e seu legado artístico”, tendo como um dos requisitos fundamentais dessa pesquisa, fotografar, documentar e analisar as produções artísticas de Hoald. Dessa forma, comprometo-me a respeitar todas as normas e diretrizes estabelecidas pelo museu para a realização da fotografia, garantindo a preservação da obra e a devida atribuição de créditos.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_.

Assinatura do Diretor: \_\_\_\_\_.

Data: \_\_\_ De \_\_\_\_\_ De \_\_\_\_\_.

Local: \_\_\_\_\_.

## 7. ANEXO

Anexo 1 - Recorte do Jornal da cidade sobre o encerramento do curso de pintura.



Jornal Diário de Aracaju. 01 mai. 1972. Acervo particular da família Barreto.

# João de Barros

## François Hoald: "o Barão de Itabí"

No dia 8 de julho de 1949, nascia na cidade sergipana de Itabí, um garoto, que mais tarde receberia na pia batismal o nome de MANOEL ROALD B. MELO... menino esperto e inteligente, dono de peripécias das mais variadas, correndo daqui prá lá, de lá prá cá, querendo saber de tudo e fazer de tudo, achando o mundo uma tremenda maravilha. Em nossa capital, foi aluno do Colégio Estadual "Atheneu Sergipense" onde aprontou poucas e boas, num atestado indiscutível da sua inquietude, como se todos os lugares, fossem simples espaço cercado por quatro paredes que lhe sufocava... era preciso uma maior dimensão para quem já nasceu grande. Depois deste estágio, o mundo foi sua meta... um novo nome com certo toque de arte, assumiu o posto: FRANÇOIS HOALD... e assim ficou conhecido entre colegas, amigos e parentes. Curtiu vários Estados do Norte, e como se não bastasse, desceu até o sul, sempre espalhando pelos lugares onde pontificava, coloridos cajus entremeados pelo tropicalismo da flora brasileira, num primitivo que enchia os olhos e transferia para o coração uma paz incomensurável. Como sempre acontece, sua terra foi a que menos lhe prestigiu: lembro que no início da rodovia Paulo Barreto, existia um painel de Hoald que foi destruído para no lugar erguer um monumento ao Lions de muito mau gosto. Nem o Lions merecia aquela monstragem de cimento armado... nem Hoald merecia ser vítima de destruição através de uma obra de arte. Lembro também que na entrada do Hospital das Clínicas "Adauto Bezerra", existia um painel de Hoald... mas

do seu povo e o azul inatingível do seu céu. Os vassalos... eram os pinóis, que atendiam sem vacilar suas ordens, construindo telas e mais telas que hoje servem de marco da sua passagem pela terra. A grande paixão que sempre aconteceu, também aconteceu com o "Barão" Hoald... a entrega total de matéria e espírito, envolto num sonho bonito e incompreendido pela gente grande, porque só as crianças podem enxergar a beleza contida em determinadas coisas que envolve o coração, dando um estado de espírito das flores, que ao serem beijadas pelo corvalho, tem a certeza da continuidade da sua vida. Este foi talvez, o amor mais puro e constante que já testemunhei... não importa se um abismo o separava da oficialização, mas a certeza de "ser", dava forças para a ingreme peregrinação, até que a morte os separou. Hoje, 28 de novembro de 1975, faz perfeitamente um ano da sua morte... triste desaparecimento de um rapaz de 25 anos... desconhecido do cansaço e das frustrações... amigo e irmão... perfeito ao tempo que louco... criança ao tempo que artista. Eu fui um companheiro do seu tempo... eu segui passo a passo a sua trajetória pelo cosmo dos sonhos... cada pincelada era um pouco de vida... cada tela terminada era prenúncio da morte. Na eternidade perene, o nosso jovem D. Quibote deve continuar a sua cavalgada em busca de novas descobertas num mundo desconhecido, mostrando a anjos e arcanjos como se faz "cajus" coloridos, oriundos de uma terra bendita, onde Ignácio Barreto implantou uma Capital.



MANOEL ROALD B. MELO (ou simplesmente FRANÇOIS HOALD) em setembro de 1973 quando criou a sua Galeria "L'ARBRE VIEUX" na cidade de São Cristóvão, em meio ao Festival de Arte.

Fonte: Acervo particular da família Barreto.